

1968

LER & SABER

Ler & Saber
Ano 3 - Nº43


R\$ 19,90

O ANO QUE

TRANSFORMOU O MUNDO

A ruptura com os padrões da época promoveu uma onda de mudanças que marcou para sempre os rumos da História



MARTIN LUTHER KING

O assassinato do líder intensifica a busca por igualdade racial

CONTRACULTURA

Tropicália e Movimento Hippie ditam novos estilos de vida



GREVES DE MAIO

Revoltas de estudantes e operários franceses param o país



50 ANOS DE REVOLUÇÕES

Como uma geração lutou para fortalecer movimentos políticos, liberdades individuais e novas referências de comportamento



Um ano sem fim...

O ano de 1968 já parecia querer dar trabalho logo no início. Não foi à toa que começou em uma segunda-feira, dia não muito querido por aqueles que gostam de tranquilidade. O ano do macaco, segundo o Horóscopo Chinês, foi também o Ano Internacional dos Direitos Humanos, de acordo com a data estabelecida pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). A ironia é que garanti-los não foi a prioridade daqueles que governavam o Brasil naquele tempo. “Ruptura” talvez seja a palavra mais adequada para definir uma série de acontecimentos que marcaram esse ano e a História.

Em terras brasileiras, foram 12 meses de tensão, descritos em páginas e páginas dos livros didáticos. Na arte, vivemos tempos libertários e de quebra de padrões estéticos. Você já ouviu falar em Tropicalismo? No ano que não terminou, os responsáveis por esse movimento lançaram um álbum eternizado na indústria musical brasileira.

Repressão, censura, guerras e viagens espaciais não são palavras estranhas para quem viveu isso na pele. Nesta edição de **Ler & Saber**, volte no tempo e aproveite a viagem para refletir: o que ainda carregamos de 1968 em 2026? Será que, quase 60 anos depois, ainda temos flagelos deste ano caótico?

Boa leitura!
A redação

Índice

Guerra do Vietnã

Um levantamento historiográfico mostra como 1968, ano da Ofensiva de Tet, foi decisivo para um dos conflitos mais importantes do último século

A morte do líder Martin Luther King

O falecimento da maior liderança do Movimento Negro dos Estados Unidos abalou o mundo. Conheça a história do jovem que conquistou o Nobel da Paz em 1964

Repressão e ditadura?

No Brasil, a censura se fez presente durante um período obscuro da trajetória do país e, em 1968, um decreto dos militares intensificou a repressão

Panis et Circenses

O movimento tropicalista alterava a rota da música brasileira e gerava polêmica ao buscar referências que incomodavam os mais conservadores

Apollo 8

A corrida espacial estava a todo vapor. Enquanto *2001: Uma Odisseia No Espaço* era lançado nos cinemas, a Apollo 8, a segunda missão tripulada do Projeto Apollo, era lançada ao espaço

Revolução estudantil francesa

O mês de maio foi agitado na França. Antes de uma das maiores greves do país, as manifestações e ocupações organizadas pelos estudantes anunciavam o que estava por vir

Acontecimentos marcantes

Panorama geral e outros fatos do ano que não terminou

VIETNÃ EM CHAMAS

IMAGENS [Wikimedia Commons](#) e [Reprodução](#)

1887

A França cria a colônia da Indochina Francesa, da qual o Vietnã fazia parte

1940

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Japão invade a Indochina e expulsa os franceses

1945

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, tem início a Guerra Fria. União Soviética e Estados Unidos passam a intervir no sudeste asiático para garantir zonas de influência e impedir o avanço da ideologia rival

1946

Os franceses tentam reaver seus antigos domínios na região. Tem início a Guerra da Indochina, na qual nacionalistas lutam contra europeus

1950

China e União Soviética reconhecem a República Democrática do Vietnã como nação e aumentam o apoio militar às tropas comunistas

1955

O primeiro ministro Ngo Dinh Diem organiza um golpe para derrubar o imperador Bao Dai, no Vietnã do Sul. Tem início a perseguição de opositores e comunistas na região. Dezenas de milhares são presos, torturados e assassinados

Dizer que a Guerra do Vietnã (1959-1975) foi um dos conflitos relacionados à Guerra Fria e aos constantes atritos entre comunistas e capitalistas deste período não está errado. No entanto, afirmar que ela se encerra nesses fatos seria uma visão parcial do evento. As tensões que levavam à guerra entre norte e

sul estão estritamente ligadas ao colonialismo europeu e à Segunda Guerra Mundial. Em outras palavras, há muito mais história envolvida além da rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética. Conheça os principais fatos da Guerra do Vietnã e descubra como a Ofensiva do Tet e o ano de 1968 reescreveram a história de um dos principais eventos do século XX.

1930

Ho Chi Minh, futuro líder do Vietnã do Norte, cria o Partido Comunista do Vietnã

1941

Ho Chi Minh funda o Viet Minh, grupo armado que combatia os japoneses no norte do país em busca da independência

1945

Após a rendição japonesa, Ho Chi Minh declara a criação e independência da República Democrática do Vietnã, com capital em Hanói

1949

Em meio aos conflitos, a França cria o Estado do Vietnã, com capital em Saigon. O Estado integrava a União Francesa e não possuía autonomia plena

1954

Com a derrota francesa, chega ao fim a Guerra da Indochina. A Conferência de Genebra estabelece a divisão em Vietnã do Norte (comunista e apoiado por China e URSS) e Vietnã do Sul (capitalista e apoiado pelos Estados Unidos)

1957

Guerrilheiros dão início à insurgência comunista no Vietnã do Sul com o objetivo de unificar o país sob controle do Norte

Ines249



Tem início a Guerra do Vietnã. O Governo do Vietnã do Norte passa a infiltrar armas e soldados no Vietnã do Sul através da Trilha Ho Chi Min. Escalada da luta de guerrilha

Preocupados com avanço comunista, os Estados Unidos aumentam a ajuda dada ao Vietnã do Sul. Armas, consultores militares, dinheiro e ajuda humanitária são enviados

Após anos de um governo autoritário e corrupto, o primeiro ministro Ngo Dinh Diem é deposto e assassinado por um golpe militar no Vietnã do Sul

Ocorre o Incidente do Golfo de Tonkin. Os Estados Unidos acusam o Vietnã do Norte de atacar duas de suas embarcações. O Congresso Americano aprova a Resolução do Golfo de Tonkin e autoriza o presidente Lyndon Johnson a enviar tropas para o conflito

A presença militar americana dobra, chegando a 400.000 soldados

Após uma série de derrotas para tropas americanas e sul-vietnamitas, os comunistas do norte decidem se reorganizar e lançar um novo ataque para frear o avanço inimigo. No dia 30 de janeiro é deflagrada a Ofensiva do Tet, durante uma trégua estabelecida pelos dois lados. Apesar de a ofensiva não ter sido bem sucedida militarmente, ela representou um ponto de virada no conflito. O ataque norte-vietnamita também tinha outro objetivo: minar a opinião pública americana com relação à presença de seu exército no conflito.

Este foi bem sucedido. A Ofensiva do Tet repercutiu na imprensa norte-americana e fortaleceu ainda mais o movimento pacifista que se opunha ao conflito. A população dos Estados Unidos passou a apoiar cada vez menos a presença de seu exército na Guerra do Vietnã e os protestos se intensificaram por todo o país. Isso fez com que, gradualmente, a guerra se tornasse insustentável para o governo americano

Em vermelho, as áreas onde os ataques da Ofensiva do Tet foram realizadas simultaneamente



1959

1960

1963

1964

1966

1968

1960

1962

1963

1965

1967

1969

1970

1973

1975

Com o apoio do governo de Hanói, é criada a Frente Nacional de Libertação, guerrilha paramilitar também conhecida como Vietcongues

O número de conselheiros militares americanos no Vietnã do Sul chega a 12.000 homens

O Exército do Vietnã do Norte e os vietcongues estão infligindo pesadas derrotas às tropas sul-vietnamitas e já controlam a maior parte da região

Em poucos meses, o número de soldados americanos no Vietnã salta de 3.500 para 200.000. Ocorre a Batalha de Ia Drang, o primeiro grande conflito entre Estados Unidos e Vietnã do Norte

O número de militares americanos chega a 500.000. Para combater as táticas de guerrilha do inimigo, o exército americano lança a estratégia "Procurar e Destruir". Em vez de lutarem em um front de batalha definido, pequenos grupos de soldados eram lançados em território inimigo a fim de procurar os guerrilheiros e eliminá-los. A tática foi questionada pelo grande número de mortes civis que causava

Morre Ho Chi Minh. O presidente Richard Nixon começa a reduzir o contingente de soldados americanos na Guerra do Vietnã

Representantes dos Estados Unidos e do Vietnã do Norte estabelecem diálogos em Paris

O Acordo de Paz de Paris define o cessar-fogo entre Estados Unidos e Vietnã do Norte. Nixon anuncia a retirada definitiva das tropas americanas do conflito

Após uma frustrada tentativa de cessar-fogo entre comunistas e capitalistas, o Vietnã do Norte inicia uma nova ofensiva. Enfraquecidos pelo fim do apoio americano, o Vietnã do Sul se rende. A Guerra do Vietnã chega ao fim e o país é unificado sob o nome de República Socialista do Vietnã



Ines249

GUERRA

A GUERRA DO VIETNÃ

FONTES estatísticas de R. J. Rummel e Guenter Lewy

▶ ALIADOS* (NORTE)



URSS



China



Coreia do Norte



Khmer Vermelho



Cuba



Pathet Lao

▶ PRINCIPAIS FORÇAS



Exército do povo do Vietnã Norte



Frente Nacional de Libertação (Vietcongues)

▶ ALIADOS* (SUL)



Austrália



Tailândia



Coreia do Sul



Nova Zelândia



Filipinas



Taiwan

▶ PRINCIPAIS FORÇAS



Exército do Vietnã do Sul



Exército dos Estados Unidos da América

MORTES DE MILITARES NA GUERRA



○ = 100.000

ESTADOS UNIDOS
VIETNÃ DO SUL
VIETNÃ DO NORTE

MORTES DE CIVIS NA GUERRA



○ = 100.000

VIETNÃ DO SUL
VIETNÃ DO NORTE
CAMBOJA
LAOS

*Outros países também posicionaram-se em favor de um dos lados durante o conflito. Os listados aqui são os que efetivamente forneceram algum tipo de suporte.

O SONHO NÃO ACABOU

Meio século depois de sua morte, os ideais de Martin Luther King reverberam mundo afora

IMAGENS Wikimedia Commons

O ano de 1968 ficaria marcado pelo assassinato de um dos maiores líderes e ativistas do Movimento Negro estadunidense. Martin Luther King Jr. era, na verdade, Michael e tornou-se ícone da luta pelos direitos civis e da resistência pacífica. Nascido em 1929, em Atlanta, seguiria os passos de seu pai frequentando o Morehouse College e se tornando pastor pelo Crozer Theological Seminary, na Pensilvânia, em 1951. Quatro anos mais tarde, receberia o título de doutor pela Boston University. Lá, conheceu Coretta Scott, com quem se casou e teve quatro filhos.

Em 1954, Martin assumiu a liderança, como pastor, da Dexter Avenue Baptist Church em Montgomery, no Alabama. Também líder da National Association for the Advancement of Colored People, passou a ser conhecido por liderar uma das mais importantes campanhas não-violentas de luta do Movimento Negro. O gatilho foi o boicote aos ônibus da cidade que, à época, seguiam as regras da legislação segregacionista.

Preso diversas vezes, há relatos de tortura policial contra King que, inevitavelmente, se tornava mais popular e influente ao longo dos anos. Eleito como presidente da Southern Christian Leadership Conference, emprestou os ideais do Cristianismo e a técnica operacional – principalmente a de não-violência – de Gandhi. O objetivo da organização era formar novos líderes para o crescente movimento de luta pelos direitos civis. Entre 1957 e 1968, Martin viajou por diversos estados levando seus ideais à centenas de milhares de pessoas que sofriam injustiças.

MOVIMENTO NEGRO

1863 Entra em vigor o Ato de Emancipação assinado pelo presidente Abraham Lincoln. O ponto central era a libertação de cerca de quatro milhões de escravos negros

1963 Marcha de Washington: em 28 de agosto, mais de 250 mil pessoas se reuniram para pedir o fim da segregação racial

1965 Assassinato de Malcolm X: líder da Organização para a Unidade Afro-Americana, foi assassinado com 16 tiros. A revista *Time* selecionou sua autobiografia como um dos dez livros de não-ficção mais importantes do século XX

2005 Morre Rosa Parks, líder do Movimento dos Direitos Humanos



1936 Olimpíadas: em Berlim, Jesse Owens, negro, ganhou quatro ouros olímpicos no atletismo. Hitler fez questão de sair do estádio para não cumprimentar Owens

1964 Criada a Lei dos Direitos Civis que garantia a igualdade entre brancos e negros



1968 Olimpíadas: na Cidade do México, Tommie Smith e John Carlos homenagearam a causa negra com luvas e punhos para o alto, em referência aos Panteras Negras

2008 Eleição de Barack Obama: pela primeira vez, um homem negro foi eleito para a presidência americana. Obama foi apoiado por ativistas dos direitos civis

MOVIMENTO NEGRO

Se por um lado aclamava protestos e ação pacífica do povo negro, por outro, deixava seu legado em cinco livros e dezenas de artigos. Seus discursos inflamavam a multidão e muitos deles, escritos na prisão, conclamavam os ideais cristãos – bases do pensamento de King.

A não-violência nos movimentos de resistência pregados por Martin chamou a atenção da população que, a certa altura, acompanhava os desdobramentos dos conflitos pela televisão. No Alabama, além de liderar grandes protestos, planejou o movimento pela contagem de votos de pessoas negras.

O momento mais emblemático de sua atuação talvez seja seu discurso, “I have a dream”, que tratava de uma sociedade igualitária em que todos pudessem viver pacífica e harmoniosamente e que foi proferido em Washington durante uma marcha pacífica que reuniu cerca de 250 mil pessoas em 1963. Nesse mesmo ano, foi eleito o Homem do Ano pela revista *Time*. Em 1964, aos 33 anos, se tornou o homem mais jovem a receber o Prêmio Nobel da Paz e viu ser criada a Lei dos Direitos Civis que garantia, ao menos na teoria, a igualdade entre brancos e negros.

Em abril de 1968, numa visita a Memphis, em apoio a uma greve de lixeiros, Martin foi assassinado por um tiro enquanto descansava num hotel. Apesar de sua curta trajetória de vida, é referência de liderança no Movimento Negro sendo homenageado postumamente em 1977, através de sua mulher, que recebeu a Medalha Presidencial da Liberdade. Mais recentemente, em comemoração aos 50 anos de promulgação da Lei dos Direitos Civis, recebeu a Medalha de Ouro do Congresso Americano.

Ao longo do tempo

O movimento pelos direitos civis dos negros sempre teve grande influência e impacto na sociedade estadunidense. A partir da segunda metade do século XX, a notoriedade passou a ser mundial e várias vertentes começaram a surgir. Da luta pacífica de Martin Luther King à resistência policial dos Panteras Negras, o objetivo era reparar os danos causado por um passado de escravidão, injustiça e segregação, além de garantir igualdade de direitos entre brancos e negros.

A resistência ao movimento sempre foi notória. Quase um século antes, em 1965, Abraham Lincoln pôs fim à escravidão estadunidense. No mesmo ano, no entanto, Nathan Bedford Forrest, ex-combatente militar, fundava a Ku Klux Klan, que unia paramilitarismo racista com seita religiosa. A tentativa de abafar movimentos como esse foram frustradas e, por volta de 1870, leis segregacionistas começaram a ser implementadas.

Cerca de um século mais tarde, movimentos e organizações pelos direitos civis começaram a surgir como a SCLC – Southern Christian Leadership Conference – criada por Martin, em 1957, que é considerada uma das pioneiras. Anos mais tarde, os ideais separatistas de Malcom X começavam a tomar forma juntamente com o movimento Black Power que tem o termo atribuído a Richard Wright e raízes no início do século XX.

I have a dream...

O emblemático discurso de Martin, em 1963, inspirou muitas gerações e movimentos sociais. O sonho de igualdade e garantia de direitos para a população negra é também sonho de reparação de injustiças. Injustiças que além de raciais são sexistas.

Se em 1968 Martin Luther King teria sua voz tirada por um tiro, em 2008, seus ideais de igualdade ainda permaneceriam vivos no coração de muitos cidadãos. O reparo reivindicado pelo Movimento Negro teria, pela primeira vez na história dos Estados Unidos, um lugar na principal cadeira da Casa Branca. Barack Hussein Obama II seria o primeiro presidente negro eleito. Democrata, suas medidas e discursos de igualdade seriam reverberados por todo o mundo. Dez anos mais tarde, o ineditismo voltaria à cena do Movimento Negro, mas dessa vez no mundo artístico.

Oprah Winfrey, a apresentadora de televisão mais famosa dos EUA, foi a primeira mulher negra a receber o prêmio Cecil B. DeMille no Globo de Ouro em janeiro de 2018. Durante seu discurso, lembrou o caso de Recy Taylor, uma americana estuproada por seis homens no estado do Alabama nos anos 1940. Rosa Parks – mulher negra que se recusou a ceder seu lugar no ônibus para uma pessoa branca – também foi lembrada. Em tom otimista e reivindicatório, Oprah foi aclamada pelos artistas que prestigiavam a premiação pelo apoio à luta das mulheres, principalmente diante dos casos de assédio e abusos que têm sido revelados em Hollywood.

King é a prova de que o legado de alguém está relacionado diretamente ao impacto que se pode deixar na vida de outras pessoas. Em 2018, meio século depois de sua morte, suas ideias permanecem vivas e alimentam sonhos e a esperança de, o quanto antes, se construir uma sociedade igualitária para todos os cidadãos sobrepujando as diferenças usadas como mantenedoras de privilégios.

FONTES Nobel Prize Biograph, Martin Luther King - 1964; e-Biografia Martin Luther King; NBC Channel/Youtube

O GOLPE DENTRO DO GOLPE

Uma verdadeira transformação na política e na sociedade brasileira estava por vir em 1968: o regime militar revelava, enfim, seu caráter ditatorial

IMAGENS Reprodução Youtube

1968

foi um ano agitado na história mundial. Na Guerra do Vietnã, os norte-vietnamitas lançaram a Ofensiva do Tet, dando início à derrocada estadunidense no conflito. Uma série de manifestações estudantis acompanhadas de uma greve geral deixa a França à beira de uma revolução e se espalha por toda a Europa. Nas Olimpíadas do





O presidente militar poderia decretar recesso do Congresso Nacional, cassar mandatos de parlamentares, suspender direitos políticos dos cidadãos, confiscar bens e suspender a garantia do habeas corpus

México, dois atletas afro-americanos protestam erguendo os punhos contra a política de segregação racial nos Estados Unidos ao subirem ao pódio e são banidos pelo Comitê Olímpico Internacional. A Primavera de Praga, na antiga Tchecoslováquia, ameaçava a hegemonia soviética no leste europeu. Nos EUA, Martin Luther King e o candidato à presidência Robert Kennedy são assassinados; manifestações ocorreram por diversas universidades do país, gerando um ambiente de instabilidade e incertezas.

No Brasil, o ano não seria menos intenso. Vivendo um regime militar desde 1964, o país vivenciaria uma série de manifestações e eventos contrários aos militares que resultaria na promulgação do Ato Institucional nº 5 – decreto com medidas responsáveis pelo aprofundamento do autoritarismo do governo e a consolidação da ditadura em terras brasileiras. O historiador João Victor Caetano Alves, professor do Instituto Federal de São Paulo (IFPS), aponta três acontecimentos decisivos que levaram o governo a lan-

çar o AI-5 em 1968: o assassinato do secundarista Edson Luís Souto, morto por policiais militares no protesto em um restaurante universitário em 28 de março, é o primeiro deles. Três meses após o ocorrido, movimentos estudantis organizariam a maior manifestação contra a ditadura até então, no que ficou conhecido como a Passeata dos Cem Mil, no Rio de Janeiro. Por fim, em outubro do mesmo ano, cerca de mil estudantes foram presos no XXX Congresso da UNE (União Nacional dos Estudantes), realizado clandestinamente num sítio na cidade de Ibiúna, interior de São Paulo. “Esses três acontecimentos, todos vinculados ao movimento estudantil, desaguam na edição do AI-5 em dezembro de 1968”, explica João Victor.

Já o sociólogo e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, Rogério Baptistini, sustenta que o estopim para o lançamento do decreto foi um discurso proferido no Congresso pelo deputado Moreira Alves, do MDB. Nele, o político exortava a população a boicotar os desfiles comemorativos do 7 de setembro e sugeria que as mulheres não se relacionassem com militares. Insatisfeito com a postura do político, o presidente e marechal Costa e Silva exigiu sua cassação, mas foi surpreendido com a recusa dos demais deputados na votação da Câmara. A resposta ao Congresso veio nos dias seguintes, com a publicação do Ato Institucional nº 5, um golpe à democracia, aos direitos políticos e à liberdade de expressão. “Não é exagero afirmar que o AI-5 mergulhou o país nas trevas e tornou o Estado um instrumento de um grupo (os militares) para a imposição – pela força –, de sua política à sociedade inteira”, afirma o sociólogo.

Seja qual tenha sido a causa direta a levar o governo a baixar o decreto

e acirrar a ditadura, é fato que todos os eventos citados foram determinantes para tal. É fundamental apontar a oposição de setores da Igreja Católica ligados à Teologia da Libertação contra as violações dos Direitos Humanos cometidas pelos militares e a criação da Frente Ampla pela democracia, ainda em 1967, igualmente como fatores também preponderantes ao lançamento do AI-5.

O que mudou

Contrariando o discurso de haver tomado o poder em 1964 para restabelecer a ordem e a democracia, os militares transformam o país de fato em uma ditadura com a imposição do Ato em 1968. “A intenção do regime era obviamente impedir a existência de uma oposição e ter terreno livre para impor o seu projeto”, garante Baptistini. O país se distanciava de vez dos princípios democráticos que lhe restaram desde 1964; foi verdadeiramente um “golpe dentro do Golpe”.

O Ato Institucional nº 5 foi promulgado em 13 de dezembro de 1968 e mudou o cenário político e social do país. A partir desta data, o presidente da República passava a acumular funções e poderes antes pertencentes ao Legislativo (Câmara dos Deputados e Senado), além de não depender mais de sua aprovação – bem como a do Judiciário – para colocar em prática suas decisões. Em suma, o presidente militar poderia decretar recesso do Congresso Nacional, cassar mandatos de parlamentares, suspender direitos políticos dos cidadãos, confiscar bens e suspender a garantia do habeas corpus.

No campo social, o AI-5 endureceu o toque de recolher instaurado ainda em 1966 pelo presidente e marechal Castelo Branco. Qualquer pessoa encontrada nas ruas após

as 23 horas poderia ser detida para averiguação ou até mesmo presa. Já a censura, que tinha como finalidade controlar a população e impedir a existência de oposição ao governo, passou por um crescimento contínuo após 1968, culminando na Lei de censura prévia de 1970, que impôs à imprensa, à mídia e ao meio artístico o veto de diversas obras e publicações.

É proibido proibir

Apesar do aumento do controle da política e da população pelos militares após o Ato Institucional de 1968, os protestos e manifestações não cessaram no Brasil. Movimentos como o Tropicalismo, Cinema Novo e jornais como o *O Pasquim* seguiam, mesmo que sutilmente, fazendo oposição à ditadura. Um dos eventos mais importantes contra o regime se deu em 31 de outubro de 1975, quando o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns celebrou, na Catedral da Sé, em São Paulo, uma missa ecumênica na qual denunciava a morte do jornalista Vladimir Herzog pelos militares. A cerimônia contou com a presença de mais de oito mil pessoas.

O AI-5 vigorou no Brasil até dezembro de 1978, quando o presidente militar Ernesto Geisel revogou todos os Atos institucionais até então impostos pelos militares. Passados quase 40 anos desde seu fim, o legado sombrio deixado pelo Ato ainda ecoa como um lembrete para que o Brasil não volte mais a viver momentos como este em sua história.

CONSULTORIAS Rogério Baptistini, sociólogo e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie; João Victor Caetano Alves, professor e historiador do Instituto Federal de São Paulo (IFPS);

FONTE Documentário AI-05: O Dia que Não Existiu, direção de Paulo Markun



TROPICÁLIA: O BRASIL DE CABEÇA PRA BAIXO

Em 1968, um dos mais importantes álbuns brasileiros foi lançado sob influência de um movimento de ruptura total

IMAGENS Shutterstock Images e Divulgação

Mas as pessoas na sala de jantar são ocupadas em nascer e morrer”. Esse é o verso mais impactante da canção *Panis et Circenses*, interpretada pelo grupo Mutantes, no ano de 1968. Além de uma das músicas mais simbólicas das últimas

décadas, *Panis et Circenses* também é o nome de um dos álbuns mais irreverentes e importantes da história da música e da arte brasileira. Também conhecido como *Tropicália*, o álbum é um dos maiores símbolos de um movimento de ruptura artística e ideológica, que emergiu durante o regime militar, o Tropicalismo.

Apesar do movimento ter nascido em 1967, o emblemático álbum foi lançado apenas em junho de 1968. Na música, ele foi liderado por nomes que você com certeza já encontrou por aí. Já ouviu falar em Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé e Rita Lee? Em 1967, essa galera se reuniu em um festival promovido pela Rede Record e uma apresentação com tom de catástrofe das músicas *Alegria, Alegria* e *Domingo no Parque*, de Caetano e Gil, marcou o início do movimento Tropicalista. O objetivo era “sair da caixinha” em que a música popular brasileira supostamente se colocava. Com referências vindas do exterior, a sonoridade tinha muito de Beatles e do que fazia sucesso nos Estados Unidos.

Mais do que música, o *Tropicália* foi um álbum de ruptura com os padrões conservadores da música brasileira naquele momento. Sob a cobertura da nuvem cinza da ditadura, uns caras com roupas estranhas e músicas que rompiam com a estrutura linear das canções brasileiras, se colocaram à frente de seu tempo e revolucionaram, para sempre, o jeito de se fazer arte em terras tupiniquins. Acima de tudo, o Tropicalismo era combustível para uma juventude que estava sendo barrada pelo regime ditatorial.

Made in Brazil

A estética do Tropicalismo é rodeada de influências como a pop art e a poesia concretista. Mas uma das principais inspirações para os tropicalistas foi o movimento hippie, que emergia com força nos Estados Unidos. Naquela época, a comparação era inevitável. Os Mutantes eram considerados hippies brasileiros. Suas roupas, facetas e performance no palco tinham vários elementos do movimento norte-americano.

1968: TUDO HIPPIE NOS EUA

No final dos anos 60, os jovens pareciam propor um novo estilo de vida, contrário ao proposto pela sociedade capitalista. Paz e amor foram palavras-chave para uma geração. Além disso, eles eram rodeados por um estereótipo de usuários de drogas e que viviam um estilo de vida vago. Mas, ao contrário do que pensavam os mais conservadores, os hippies não eram só sexo e drogas. Eles lutaram por causas sociais e pelo fim de guerras e confrontos, com uma postura importante para a época.

Durante a Convenção Nacional Democrata de 1968, em Chicago, por exemplo, uma mobilização, ao lado de outros movimentos e sob a liderança de Abbie Hoffman e Jerry Rubin, fazia deboche de uma série de situações políticas americanas, na chamada “Festa da Vida”. A movimentação acabou em um confronto dos ativistas com a polícia.

A repressão

No Brasil, a repercussão e o discurso promovidos pelo álbum não agradaram os mais conservadores, incluindo o governo militar. Fazia apenas 14 dias que o AI-5, decreto dos militares responsável pela censura, entrava em vigor, quando militares levaram Gil e Caetano presos em um camburão para o Rio de Janeiro. Durante a prisão em Marechal Deodoro, ambos foram colocados em celas individuais e tiveram suas cabeças raspadas. Tudo aconteceu em uma apresentação dos cantores junto ao grupo Mutantes, onde eles foram acusados de desrespeitar a bandeira e o hino nacional. Gil e Caetano foram liberados dois meses depois, mas, ao retornar a Salvador, foram submetidos à prisão domiciliar e impedidos de fazer shows. A prisão fez com que, mais tarde, eles optassem pelo exílio.

Na verdade, eles não tiveram muitas opções. Os militares autorizaram a realização de dois shows, em junho de 1969, para que eles arrecadassem fundos para sair do país. O momento marca o ponto final do Tropicalismo. Os cantores só retornaram ao Brasil, definitivamente, em 1971, após uma longa temporada em Londres.

Mais do que música, o *Tropicália* foi um álbum de ruptura com os padrões conservadores da música brasileira naquele momento

ODISSEIA LUNAR

A convergência entre ficção e realidade marcaria 1968 e entraria para a história da Humanidade

IMAGEM Reprodução NASA

O que se sabe hoje sobre o Universo é muito pouco em relação ao que ainda há para ser explorado. Mas, claro, é muito mais do que se sabia há 50 anos quando a missão Apollo 8 levava os primeiros humanos para fora da órbita terrestre. Ainda que não tenham chegado à sua superfície, tinham alcançado o feito de circum-navegar a Lua pela primeira vez.

Ao vivo, a televisão transmitia tudo. Com imagens da Terra vista do alto, os astronautas Frank Borman, James Lovell e William Anders se revezaram na leitura dos dez primeiros versículos da Bíblia. A transmissão foi, à época, o evento mais assistido da história.

Christmas at the Moon

Apollo 8 não estava planejada nos moldes em que ocorreu. Os estadunidenses, no entanto, correram em

aprontar a missão para evitar que os seus principais concorrentes, os soviéticos, fossem os pioneiros em circum-navegar a Lua. Os riscos eram consideráveis e George Low, chefe do Escritório do Programa Aeroespacial Apollo, seria o responsável pelo plano que levaria a primeira missão tripulada a sair da órbita terrestre.

A NASA decidiu adiar a expedição para o mês de dezembro contando que, até lá, teria um CRM (sigla em inglês para Módulo de Serviço Comando) e um LM (sigla para Módulo Lunar). O LM não estaria pronto devido a atrasos na execução de sua construção. Apollo 8, portanto, não conseguiria ser lançada naquele fim de ano.

Low apresentou uma solução ousada: realizar a missão sem o Módulo Lunar. Em 19 de agosto, o martelo foi batido e um módulo simulado tomou o lugar do LM para que o foguete Saturno V tivesse a massa correta.

O site oficial da NASA mantém um artigo dedicado à missão chamado *Apollo 8: Christmas at the Moon*. Não pra menos, o lançamento ocorreu em 21 de dezembro de 1968. Três dias depois, Borman, Lovell e Anders entrariam para a História. Depois de vinte horas em torno da Lua, começariam sua viagem de volta pra Terra em 25 de dezembro.



Earthrise: o “nascer” da Terra

À medida em que se aproximavam da Lua, a Terra ficava cada vez menor. Do horizonte lunar, era possível vê-la “nascer”. Batizadas de “Earthrise”, as imagens foram transmitidas simultaneamente à narração dos capítulos iniciais de *Gênesis*.

No aniversário em comemoração aos 40 anos do lançamento da Apollo 8, em 2008, Frank Borman contou ao portal da Agência Espacial Americana o porquê da escolha dos versículos. “Foi-nos dito que, na véspera de Natal, teríamos o maior público que já ouviu uma voz humana”, contou ele. “As únicas instruções que tivemos da NASA foi fazer algo apropriado”, relembra.

“Os primeiros dez versículos de *Gênesis* são a base da fundação do mundo para muitas religiões ao redor do mundo, não só o Cristianismo”, ressalta Lovell. “Há mais pessoas adeptas a outras religiões do que ao Cristianismo pelo mundo e, então, aquilo seria apropriado a se fazer naquele momento e foi assim que aconteceu”, completa.

A tripulação aterrisou nas águas do Pacífico no dia 27 de dezembro. Foi a primeira vez, na vida real, que a Humanidade orbitou o satélite natural terrestre. Apollo 8 abriria espaço para que, no ano seguinte ao seu lançamento, o homem pisasse na Lua.

A Odisseia não acabou

Na ficção, o livro de Arthur C. Clarke entraria pra história, também, em versão cinematográfica. No mesmo ano do lançamento da missão Apollo 8, *2001 - Uma Odisseia no Espaço* ganharia a sua versão nas telonas e seria passível de inúmeras interpretações que reverberam mesmo 50 anos depois de sua estreia. A direção do longa ficaria a cargo de Stanley Kubrick, co-escritor da obra.

Se os anos 1960 seriam marcados pela corrida espacial e pela chegada do homem à Lua, *2001* marcaria a história do cinema por trazer questões como a evolução humana, inteligência artificial, a vida fora da Terra e o sentido da vida. As estratégias de sonoplastia, fotografia e o próprio enredo são muito elogiadas pelo alto rigor científico e pelas ambíguas reflexões que até hoje são pautas de interpretações e análises pela crítica especializada.

Indicado a quatro Oscars, é considerado um dos melhores e mais influentes do gênero. Levou a estatueta

de melhores efeitos visuais e teve, ainda, a marca da cinematografia de Geoffrey Unsworth e a edição de Ray Lovejoy.

O enredo se passa em diferentes momentos da história da Humanidade. No princípio, a “Aurora do Homem” (a pré-história), um misterioso monolito negro parece emitir sinais de outra civilização. O avanço no tempo nos leva ao século XXI em que *David Bowman* (Keir Dullea) e *Frank Poole* (Gary Lockwood), líderes de uma equipe de astronautas, são enviados a Júpiter para investigar o enigmático monolito na nave Discovery.

O controle da nave está a cargo da HAL 9000 que, a certa altura, entra em pane e tenta assumir o controle total. HAL colocou, já em 1968, uma das grandes questões científicas contemporâneas: o papel da robótica e da inteligência artificial na sociedade.

Uma Odisseia no Espaço, por todas essas questões, é considerado um filme à frente de seu tempo, não só pela visão futurista que projeta sobre as descobertas científicas, mas sobretudo pela grande assertividade em relação ao que levanta de debates. Complexo de interpretação, abre margens para reflexões múltiplas sobre o que suas cenas retratam, principalmente por muitas delas trazerem diálogo mínimo. O diferencial do longa, que completa meio século de seu lançamento em 2018, está justamente em tocar nas questões que até hoje movem a sociedade: o que o Universo nos diz sobre a vida na Terra.

FONTES: *2001: A Space Odyssey*/ WARNER BROS;
Apollo 8: Christmas at the Moon/NASA
Apollo 8/NASA

OS ESTUDANTES QUE QUERIAM MUDAR O MUNDO

No final da década de 1960, os universitários franceses deram início a um dos eventos mais marcantes do século XX: a Revolução de Maio de 1968, que iria abalar as estruturas de uma sociedade em transformação

IMAGENS Shutterstock Images e Wikimedia Commons



As décadas que sucederam a Segunda Guerra Mundial representaram um grande desenvolvimento do ensino superior ao redor do mundo. O número de estudantes que ingressaram em universidades, especialmente na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, aumentou em proporções jamais vistas, consolidando esses locais como ambientes de crítica e reflexão da sociedade. E o contexto proporcionado pela Guerra Fria naquele tempo demandava, de fato, uma boa dose dessas duas coisas.

A década de 1960 abriu espaço para movimentos de contracultura que questionavam os valores tradicionais e as próprias estruturas da sociedade. Eles afloraram em diversos campos, como na moda, com o surgimento das minissaias e do visual andrógino de modelos como Twiggy; na música, através do rock e do movimento hippie; e no cinema de vanguarda, como a *Nouvelle Vague* de Godard e Truffaut. A revolução sexual também se consolidaria com o advento da pílula anticoncepcional. Entre os principais espectadores e protagonistas disso tudo estavam os estudantes universitários.

O sentimento de insatisfação e de desejo de mudanças despertou de vez em 1968, na França. Em Paris, os estudantes da Universidade Nanterre viam com maus olhos a burocracia e o conservadorismo do campus, que entre tantas coisas, impedia alunos de sexos diferentes de ocuparem os mesmos alojamentos e dava pouca representatividade às suas opiniões.

No dia 2 de maio, após uma série de conflitos entre estudantes da Nanterre e a polícia, o campus

A Universidade Paris Nanterre – em francês, Université Paris Nanterre, ou ainda, Paris X – é uma das 13 sucessoras da antiga Universidade de Paris. É a segunda maior instituição de ensino superior do país, com aproximadamente 35.000 alunos, e é considerada referência na área de humanidades, como direito e política. Por lá estudaram nomes renomados, como o atual presidente da França, Emmanuel Macron e o ex-presidente Nicolas Sarkozy.

foi fechado e os universitários que o ocupavam, expulsos. A repressão provocou a reação de alunos de outras universidades francesas, entre elas a Sorbonne, que decidiram aderir ao movimento e à greve.

Nos dias seguintes, uma multidão de estudantes ocupava os espaços públicos da capital francesa exigindo mudanças na educação. Entre os líderes do movimento, destaca-se o importante nome de Daniel Cohn-Bendit, hoje, político franco-alemão do partido ecologista Die Grünen. A reação do governo foi enviar mais policiais e soldados às ruas. A repressão foi violenta. Muitos estudantes foram presos, outros tantos ficaram feridos. Em resposta, para conter o avanço dos homens do governo, os grevistas ateavam fogo em barricadas e reagiam com paus e pedras. A paisagem parisiense estava tomada por uma batalha campal.

Todavia, a despeito da repressão, a paralisação estudantil evoluiu de tal forma que, na sequência de outras universidades, os operários franceses também decidiram aderir ao movimento, dando início a maior greve geral da Europa, com aproximadamente nove milhões de estu-

dantes e trabalhadores paralizados. À época, tal número representava dois terços de toda a mão de obra operária do país de braços cruzados.

As novas dimensões do evento lhe conferiram ares de revolução. Ao presidente Charles De Gaulle não restava alternativa a não ser negociar. Dissolveu a Assembleia Nacional e convocou eleições parlamentares para junho. Esta manobra política desmobilizou os estudantes e ainda garantiu vitória de maioria aliada a De Gaulle no parlamento. Para conter os trabalhadores, o presidente francês prometeu aumentos salariais. Em resposta, os operários retornaram às fábricas.

Mas engana-se quem pensa que a Revolução de Maio de 1968 se encerra desta forma. O desejo por mudanças dos estudantes e operários franceses inspirou multidões ao redor do mundo a saírem às ruas e fazer o mesmo, provocando reações e transformações em seus próprios países. Além disso, entrou para a História como um dos principais eventos de todo o século XX, fazendo de 1968 ainda mais essencial para a compreensão de toda a nossa sociedade contemporânea.

Charles De Gaulle ocupava a presidência da França durante o movimento estudantil de 1968. No cargo desde 1958, o então presidente havia combatido nas duas guerras mundiais e liderado a França Livre durante a ocupação alemã da Segunda Guerra Mundial. Apesar do status de herói, seu governo como presidente foi marcado por um crescente desgaste nos anos 1960. A pressão causada pelos protestos de 1968 levaria De Gaulle a renunciar no ano seguinte.

31 de janeiro

Início da Ofensiva Tet pela guerrilha do Vietnã. A embaixada dos Estados Unidos, em Saigon, é invadida

7 de março

Guerra do Vietnã: acontece a primeira batalha de Saigon. Nove dias depois, no dia 16 de março, o exército norte-americano executa 504 civis vietnamitas no episódio conhecido como Massacre de My Lai

28 de março



O estudante Edson Luís é assassinado pela polícia militar durante a invasão ao Restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro

1 de maio

Em protesto contra a Ditadura Militar, trabalhadores apedrejam o governador de São Paulo, Abreu Sodré, em palanque na Praça da Sé

26 de maio

É realizado o primeiro transplante de coração no Brasil



21 de junho

Uma passeata organizada por estudantes terminou em confronto com a polícia de repressão da Ditadura. Aproximadamente 90 pessoas ficaram feridas

26 de junho

Acontece a passeata dos 100 mil pelas ruas do Rio de Janeiro. Outros protestos tomam o país. Em São Paulo, um ataque ao quartel general do segundo exército mata um militar

17 de julho

Manifestações são proibidas pelo presidente Costa e Silva

30 de julho

Presidente Jânio Quadros fica confinado em Corumbá



6 de setembro

O país africano, Suazilândia torna-se independente



2 de outubro

Morte do pintor e escultor Marcel Duchamp, aos 81 anos de idade

TEXTO **Douglas França**/Colaborador
DESIGN **Ana Paula Maldonado**
IMAGENS Shutterstock Images,
Wikimedia Commons e Reprodução

2 de outubro

Ocorre a batalha da rua Maria Antônia, confronto entre os estudantes da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e alunos da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Alunos com opiniões divergentes se enfrentam na mesma rua que abrigava as duas instituições

12 de outubro

Declarada a independência da Guiné Equatorial em relação a Espanha Franquista

13 de outubro

Morre o escritor Manuel Bandeira

1 de novembro

Rainha Elizabeth inicia visita de 12 dias pelo Brasil

5 de novembro

Richard Nixon vence as eleições presidenciais nos Estados Unidos

7 de novembro

É inaugurada a nova sede do MASP, Museu de Arte de São Paulo, com a presença da Rainha Elizabeth



13 de dezembro

O AI-5 é decretado pelo governo militar e o caos se instala no país

22 de dezembro

Alguns artistas são presos, entre eles, Caetano e Gil, na boate Sucata, no Rio de Janeiro

23 de dezembro

Prisão de Carlos Lacerda no Rio

0 Ano Internacional dos Direitos Humanos

UMA PAIXÃO INESPERADA, UMA MORTE SUSPEITA E A INEXPLICÁVEL CONEXÃO ENTRE DUAS IRMÃS.

Quando sua irmã caçula morre, a empresária Emily se vê obrigada a pausar sua vida profissional para se isolar com a única sobrinha e o cunhado na fazenda da família. E lá, enquanto tenta reconstituir as últimas semanas de vida de Evelyn, Emily se aproxima do cunhado André e do jardineiro Juan, em uma investigação cheia de surpresas e desejo. Com a descoberta do diário de Evelyn escondido na casa de bonecas, Emily confronta o próprio passado, descobre o presente e reescreve seu futuro!

Já disponível na
amazon



O ENIGMA DA CASA DE BONECAS

FERNANDA VILLAS BÔAS
ASTRALBOOKS

